

Crônica do Fórum Social Mundial

Telia Negrão*

Já não sei mais se só a mim angústia, mas vivo com a sensação de que talvez, desta vez, a gente avance entre a convergência e a confrontação, inventando novas formas de estar neste mundo! Com esta esperança, de novo *rumei* para o IX Fórum Social Mundial em Belém do Pará no final de janeiro.

Segundo dizem os organizadores, havia 133 mil inscritos, de 142 países de todos os continentes. E um calor abrasador e constante, interrompido de quando em quando por uma chuva morna que nos manteve sempre com a certeza de que nossos corpos lustrados pelo suor deviam entregar-se à bolha quente da floresta onde o peixe boi, tal como a sereia, diz a lenda, promete prazeres inigualáveis. No entanto, mais uma vez, só em sonhos!

Dentro da sacola de pano havia uma enorme agenda elaborada pelas ativistas brasileiras e latinoamericanas e outras do resto do mundo, percorrendo da proposta de reestruturação do mundo com respeito à biodiversidade e ao planeta, à reforma política que permitiria às mulheres conquistar espaços de poder, à legalização do aborto como direito à autonomia, passando pela democratização dos meios de

comunicação e a escritura da convenção dos direitos sexuais e reprodutivos! Painéis sobre os fundamentalismos, testemunhos sobre o aborto, reuniões para construção de estratégias, caminhadas, marchas sob a chuva ou sol, bumbos e matracas. Desejo: unir as forças para um mundo sem violência e discriminações, e que considere as mulheres.

Também mais uma vez nos esperava o conhecido/desconhecido: sabíamos que muitas coisas aconteceriam ao mesmo tempo, que muitas coisas não aconteceriam, que outras ocorreriam e nós não ficaríamos sabendo ou jamais descobriríamos o lugar onde aconteceu. Diríamos, ao final, que a “metodologia” do Fórum Social Mundial deu quase certo! E que do último fórum, ocorrido na Quênia, em 2007, para o de Belém do Pará, o índice de erro-acerto equivaleu-se, porque enquanto em Nairobi se circulava no entorno de um campo de futebol e não se tinha muita idéia de como chegou a acontecer, na Amazônia transitava-se entre dois campos universitários, pela mata ou de barco. Falar português ajudou a reduzir caminhadas, mas não necessariamente a encontrar o que se procurava naquele mundo promissor amazônico, de cores, palafitas, rostos e corpos pintados.



Sob chuva, atravessando de um lugar a outro pela água, dividindo um pedaço de banco com vários índios, mulheres, crianças, comecei a me perguntar: afinal, o que se procura neste fórum social mundial? Lembrei-me de frases do passado recente, uma delas de 2002, dizia: “um espaço democrático, aglutinador de forças progressistas e individuais (Haddad)”. E também de outra: “Não basta querer outro mundo possível, queremos um melhor do que este (Lilian Celiberti)”.



Olhei de volta aos meus companheiros de viagem: serão por certo os quatro eixos “unificadores”, a unidade latinoamericana, a guerra na Palestina, a salvação da terra e da Amazônia ou a solução a crise econômica global que nos unifica? Onde mesmo fica Davos?...

Neste barco fotografei o rosto de uma menina da floresta, registrei a frase escrita em um colete salva-vidas vestido por uma mulher - “Jesus Salva” e cliquei o curso do Guamá, o rio que corta Belém e segue o curso da Amazônia.

Segui meu caminho – e nele encontrei as trabalhadoras rurais, as sindicalistas, as mulheres da floresta, as feministas urbanas jovens e espertíssimas, as ativistas dos direitos humanos das crianças e adolescentes, as lésbicas e bissexuais, as ambientalistas, as hippies, punkies, darks, yogues, budistas, religiosos, socialistas, comunistas, anarquistas, as feministas históricas se perguntando se teria valido à pena, as comunicadoras buscando novas linguagens, fumaça, barro, cheiro de mato, de erva, cheiro de açaí, de sanduíche, de churrasquinho e peixe frito.

Encontrei, entre as “tribos”, uma ou outra com as quais dançaria um toré Jenipapo-Kanindé pela vida e harmonia, invocando a mãe Tamain. E outras que me afastam porque gritam muito, muito alto, grosso e alto, me lembram os muros de lamentações, me transmitem intolerância, ai, ai, será meu pavor aos fundamentalismos?

Caminhando eu encontrei um portal, e entrei: oito fóruns sociais, dos portoalegrenses ao indiano e africanos, esse encontro mundial capaz de catalizar as esperanças das pessoas e

movimentos sociais e transportá-los a um lugar onde se potencializa o sonho. Algo que nos leva a duvidar de nós mesmas quando, diante dos desacertos de agendas, do cansaço, do desconforto e do mau humor, nos prometemos: essa é a última vez, acabou!

Como não há espaço para ingenuidade, o Fórum Social Mundial é, por definição, espaço para fortalecimento de articulações políticas, frutificando em agendas de mobilização que ocuparão, com certeza, dias e noites de muitos ativistas ao longo dos próximos anos. E os nossos também.

Bem diferente dos primeiros fóruns de Porto Alegre, em que a presença da agenda das mulheres e feminista teve que se impor através de ações de visibilidade, argumentação e disputa, Belém do Pará não só teve a visível presença equilibrada de pessoas de todos os sexos, orientações sexuais, raças e etnias, idades, culturas, mas teve também mulheres em todas as agendas. Em tantas, que sua dispersão acabou se constituindo num sério desafio ao diálogo para que não fosse entre as mesmas mulheres. Compromissos pactuados, uma longa carta aprovada, e muitas tarefas pela frente.

Das análises críticas que se ouviu, é que estão sobrando ONG e faltando movimentos sociais. Também que o Fórum Social Mundial é de fato o único espaço de real articulação internacional. Há quem afirme que há um certo sentimento de frustração em relação ao que o Fórum poderia dizer ao mundo, mas parece que está girando em falso. O Fórum existe. Não é uma invenção, uma quimera, ou uma construção midiática. É um foco importante de irradiação de idéias.

Ao retornar a Porto Alegre e já em preparativos para o EFLAC do México, arrisquei votar num site na web que tenta obter respostas para uma avaliação do Fórum: fui a única votante...hummm...acho que as feministas deveriam conversar mais antes do próximo Fórum Social Mundial♦

* Telia Negrão é jornalista, integra da Rede Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Reprodutivos e RSMLAC. Vive em Porto Alegre.

